

DIÁLOGOS NECESSÁRIOS DE GÊNERO: OLHARES E CULTURAS QUE SE ENTRECruzAM NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Noeli Aparecida Fernandes

Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP
noeli.fernandes@unifesp.br | <https://orcid.org/0000-0002-1180-2768>

Daniela Finco

Universidade Federal de São Paulo - UNIFESP
dfinco@unifesp.br | <https://orcid.org/0000-0002-5731-1091>

Resumo

Este artigo analisa como gênero permeia as relações entre as instituições de Educação Infantil e as famílias, com vistas ao cuidado e educação compartilhada das crianças pequenas. Tem como base os resultados de uma pesquisa de mestrado realizada em uma instituição de Educação Infantil em São Paulo. Os procedimentos metodológicos envolvem a realização de dinâmica lúdica com crianças e entrevistas semiestruturadas com docentes e famílias. O referencial teórico tem como base os Estudos da Pedagogia, a Sociologia da Infância e os Estudos de Gênero que apontam para a construção de uma educação democrática, que valorize a participação das crianças. Os resultados indicam a presença de estereótipos de gênero presentes tanto na educação das crianças em casa, quanto na instituição de Educação Infantil. Apontam como os conflitos de gênero na Educação Infantil podem ser potencializadores de reflexões e diálogos coletivos e possibilitar trocas de saberes entre as diferentes culturas, favorecendo um olhar mais crítico em relação aos direitos das crianças. Revelam coexistência de diferentes construções culturais que apontam para a necessidade da construção de diálogos mais abertos sobre as desigualdades de gênero, problematizando seus reflexos na vida das crianças, diante de questões que não podem mais ser silenciadas.

Palavras-chave: Educação Infantil; Famílias; Gênero; Infância.



Abstract

This article analyzes how gender permeates the relationships between institutions of Early Childhood Education and families, with a view to the care and shared education of small children. It is based on the results of a master's research done in an institution of Early Childhood Education in the city of São Paulo. The methodological procedures involve performing playful dynamics with children and semi-structured interviews involving teachers and families. The theoretical framework is based on Pedagogy Studies, Childhood Sociology and Genres that point to the construction of a democratic education, which valorization the children's participation. The results indicate the presence of gender stereotypes present both in the education of children at home and in the Early Childhood Education institution. They point out how gender conflicts in Early Childhood Education can be potentiators of collective reflections and dialogues and enable the exchange of knowledge between different cultures, favoring a more critical look at children's rights. The coexistence of different cultural constructions reveals the need to build more open dialogues about gender inequalities, questioning their reflexes in children's lives, in the face of issues that can no longer be silenced.

Keywords: Early childhood Education; Families; Gender; Childhood.

Introdução

Este artigo apresenta reflexões sobre as questões de gênero presentes no cotidiano da Educação Infantil, buscando favorecer a construção de diálogos envolvendo docentes, famílias e crianças, dando ênfase aos diferentes olhares e culturas. Tem como base os resultados de uma pesquisa de mestrado (Fernandes, 2021) realizada em uma Escola Municipal de Educação Infantil - EMEI, na cidade de São Paulo, que teve como procedimentos metodológicos a realização de dinâmicas lúdicas com crianças e entrevistas com docentes e familiares.

A discussão teve como balizador o documento “Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulista” (São Paulo, 2016), que aborda Gênero como uma



dimensão da qualidade¹, com o propósito de fortalecer a relação e o diálogo da família com a unidade educacional, a partir da realização da autoavaliação institucional participativa envolvendo todos os segmentos da escola, um documento que pretende proporcionar e fortalecer o diálogo entre todos envolvidos (profissionais da educação, familiares, incluindo também o desafio de pensar a participação das crianças).

Esta discussão também se inspira no documento Guião de Educação Gênero e Cidadania - Pré-escolar (Cardona et al., 2015) que visa abordar as questões de gênero numa perspectiva de educação para a cidadania na educação pré-escolar e no ensino básico e secundário. Este documento busca promover entre docentes uma maior consciência das suas atitudes e convicções, para que reverberem em suas práticas educativas, na perspectiva de criação de novas cidadanias, dando ênfase à escuta das crianças, afinal, lidar com as diferenças sem transformá-las em desigualdades é um dos grandes desafios da atualidade (Cardona, 2015).

Procuramos trazer à compreensão, as motivações, atitudes, valores e crenças das docentes, a fim de que se possa pensar em outras posturas para a abordagem das questões de gênero, com vistas à centralidade do olhar e nas manifestações e expressões das crianças. Assim, busca tratar das questões de gênero de forma crítica, junto às crianças e às famílias, a partir de situações com as quais as crianças se deparam no cotidiano, ainda que estas tragam polêmica e discussões, chamadas de “conflito cognitivo” (Alvarenga & Cardona, 2018).

Assumir o compromisso com o debate sobre as desigualdades de gênero, presentes no processo educacional, significa problematizar seus reflexos na vida das crianças, conforme apontam pesquisas realizadas recentemente (Gibim et al., 2020; Maranhão & Sarti, 2008; Silva et al., 2017; Vieira & Finco, 2019), que também revelam a necessidade de quebrar o silenciamento sobre essas questões.

Pesquisas apontam que a família e a escola são as principais instituições que contribuem para a construção das identidades de gênero das crianças, porém a escola sente dificuldade em discutir com a família questões sobre gênero e sexualidade, e assim transfere a “culpa” do comportamento de crianças que se “desviam das normas” binárias

¹ Para saber mais sobre as nove dimensões do documento “Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana” (São Paulo, 2016) consultar <https://educacao.sme.prefeitura.sp.gov.br>

de gênero e heterossexistas para as famílias, não assumindo qualquer trabalho em torno dessa problemática (Silva et al., 2017).

A ausência de discussões que abordem a influência e/ou o comportamento das famílias frente às questões de gênero na Educação Infantil, bem como a falta de problematização sobre como as práticas educativas parentais interferem na construção da identidade de gênero na infância, mostram que relação família-Educação Infantil não pode ser negligenciada (Cavalcanti, 2018). Compartilhar cuidados implica, assim, no encontro de famílias e profissionais que podem ter perspectivas diferentes sobre desenvolvimento e necessidades infantis, o que demanda uma constante negociação entre as partes. Essa relação se faz a partir da presença de conflitos (afinidades e contradições), que precisam ser explicitados e negociados para o alcance de objetivos comuns (Maranhão & Sarti, 2008). Os resultados desses estudos nos provocam a refletir sobre a importância deste debate, como um alerta para como as questões de gênero têm sido pautadas e se são abordadas na relação entre a instituição de Educação Infantil e as famílias, reforçando assim a necessidade de refinar os diálogos diante do encontro e do confronto com as diferenças, crenças e culturas.

Partindo desse cenário, o artigo está organizado em 3 partes: Em “Conversas necessárias sobre gênero na Educação Infantil”, trazemos o referencial teórico da pesquisa, destacando o conceito de gênero e discutindo como as questões de gênero se fazem presentes nas relações na Educação Infantil, revelando possibilidades diversas de ser menina e de ser menino, para além das expectativas sociais impostas às crianças, justificadas por aspectos biológicos. No tópico “Gênero na Educação da Infância: olhares apurados para questões sensíveis”, fazemos uma discussão sobre o direito das crianças à participação e à cidadania, trazendo a dinâmica lúdica com as crianças, que desenvolveu a partir da contação de uma história, favorecendo a escuta das crianças, da expressão de suas ideias e manifestações sobre como vivenciam as relações de gênero. E no tópico final “A potência dos diálogos a partir de diferentes olhares que se entrecruzam”, apontamos para diversidade de olhares e culturas encontrados na pesquisa, a partir de entrevistas realizadas com docentes e familiares, apontando conflitos, afinidades e confrontos, sobre gênero no cotidiano na Educação Infantil.



Conversas Necessárias sobre Gênero na Educação Infantil

O conceito de “gênero” nos auxilia a problematizar e a compreender as complexas relações entre natureza e cultura, bem como nos ajuda a desvendar as formas como somos educados, pois, já ao nascer, somos classificados pelo nosso corpo, de acordo com sexo, como menina ou menino. Porém, as formas de construção identitária de gênero vão além da dimensão biológica, derivam de aprendizados culturais, de acordo com os diferentes contextos históricos sociais nos quais nos inserimos. Assim, a perspectiva de gênero permite questionar as relações biologicistas, que buscam explicações no corpo biológico, e entender que o que define as diferenças de gênero está no âmbito da cultura de cada sociedade e de sua história.

Scott (1995) define gênero como a organização social da diferença sexual, ou seja, é um elemento constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, que fornece um meio de decodificar o significado e de compreender as complexas conexões entre as várias formas de interações humanas; reafirma, assim, que gênero é uma construção social que uma dada cultura faz em relação a homens e mulheres, tratando-se de uma forma primeira de significar as relações de poder.

Gênero remete à dinâmica de transformação social, aos significados que vão além dos corpos e do sexo biológico que subsidiam noções, ideias e valores nas distintas áreas de organização social: podemos encontrá-lo nos símbolos culturalmente disponíveis sobre masculinidade e feminilidade, heterossexualidade e homossexualidade; na elaboração de conceitos normativos referentes ao campo científico, político e jurídico; na formulação de políticas públicas implantadas em instituições sociais, nas identidades subjetivas e coletivas (Scott, 1995). As diferenças entre o que é tido como feminino e masculino acabam sendo vistas como parte da “natureza” dos homens e mulheres, como se tivesse atividades específicas para cada um desempenhar (Piscitelli, 2009).

A abordagem de gênero permite questionar o discurso patriarcal sobre a naturalização das desigualdades entre homem e mulher, demonstrando que estas são construções culturais de dominação e de poder, dos homens sobre as mulheres; permite aprofundar as reflexões sobre como as relações vão sendo estabelecidas e naturalizadas de modo desigual, as quais também estão presentes na vida das crianças, desde o



nascimento, permeando suas relações na família e na instituição educacional e colocamos questões essenciais para pensarmos as relações na infância.

Os Estudos de Gênero possibilitam, assim, que pensemos também sobre as relações entre as crianças, e entre crianças e adultos/as. O cruzamento dos Estudos de Gênero e da Sociologia da Infância nos leva a olhar para como as crianças não somente reproduzem, como resistem e reinventam, as culturas de gênero das sociedades nas quais estão inseridas. Atrelar infância e gênero permite revelar como as crianças em contextos sociais, individualmente ou como grupo social, experienciam as possibilidades e os constrangimentos colocados pelos sistemas e estruturas sociais generificadas (Finco, 2010).

Pensar na pertinência de tais processos educativos na Instituição de Educação Infantil, significa olhar para as interações e nas brincadeiras, para o oferecimento dos brinquedos e fantasias, para a organização e ocupação dos espaços, bem como para as expressões dos sentimentos. Significa questionar as imposições de nossa sociedade colocadas para a educação de meninas e meninos, questionando o modo como podem limitar suas ações e possibilidades, impedir que participem de diferentes vivências baseadas em estereótipos de gênero.

Abordar e discutir as questões de gênero na educação das crianças pequenas, significa olhar para possibilidades diversas de ser menina e de ser menino, rompendo com explicações justificadas a partir de aspectos biológicos. Significa enxergar e questionar as expectativas sociais dos/as adultos/as sobre “ser menina” ou “ser menino”, como por exemplo, aos meninos, lhes cabem, serem fortes, inteligentes, inquietos, agressivos, e não chorarem e às meninas, serem frágeis, dóceis, delicadas, prestativas, sempre emotivas (Vianna & Finco, 2009).

Nas interações entre as crianças, também é possível perceber as relações de gênero e de poder, especialmente nos modos como se organizam e resolvem conflitos, resistindo ou reproduzindo as normas destinadas às meninas e aos meninos. Para romper com as naturalizações e essencializações biológicas impostas sobre o sexo faz-se necessário analisar o papel da educação de meninas e meninos, realizada pela instituição de Educação Infantil. É preciso que estejamos atentos/as em promover uma prática educativa não discriminatória desde a primeira infância.

Para isso, apontamos para a necessidade do diálogo entre a instituição de Educação Infantil, as famílias e as crianças, como um elemento fundamental para a



desconstrução de estereótipos de gênero presentes no processo educativo das crianças pequenas, construção de um currículo educacional, partilhando experiências, saberes, culturas e pontos de vista.

Neste processo, crianças e suas famílias podem ser vistas como protagonistas, em que professores/as podem redefinir seus papéis, bem como seus pensares e fazeres pedagógicos, acolhendo as imagens e as ideias que as famílias elaboram sobre seus filhos, “para inseri-los em um itinerário progressivo e compartilhado de desmistificação, de libertação de preconceito e de concretização positiva” (Fortunati, 2009, p. 53). Destacamos, assim, a importância de uma troca contínua e recíproca entre os diferentes contextos em que as crianças crescem; sendo as famílias, interlocutoras fundamentais do processo de construção de um projeto de educação da pequena infância, enfatizamos seus olhares, experiências e posicionamentos sobre as questões de gênero, sobre seus filhos e filhas.

Considerando ainda a importância da participação desses diversos segmentos que compõem o processo educativo na Educação Infantil, lembramos dos direitos que são complementares, conforme nos apresenta Malaguzzi (1993 apud Faria, 2007): os direitos das crianças, dos pais/famílias e das professoras. Os direitos dos pais/famílias de participarem ativamente do crescimento e formação de seus filhos/as confiados/as à instituição escolar; os direitos dos/as educadores/as de contribuírem na definição de conteúdos, finalidades e práticas da educação a partir de confrontos abertos, para uma interação educativa de cultura e de vida; e os direitos das crianças, de serem reconhecidas como sujeitos de direitos, participantes ativas da organização de suas identidades, autonomias e competências nas interações com outras crianças e com os adultos/as (Faria, 2007).

Diante dessa multiplicidade de culturas, dos diferentes olhares que se entrecruzam, é preciso que cuidemos das interações vivenciadas pelas crianças, entre elas e com os/as adultos/as, na Educação Infantil, tornando suas vivências livres de preconceitos e discriminações. Não podemos deixar de salientar que na participação se faz presente o compartilhamento de diferentes pontos de vista, como o das crianças, das famílias e das /os profissionais docentes, para a construção de sentido no confronto de culturas. Neste sentido, as falas e manifestações das crianças nos ajudam a problematizar os padrões normalizadores sociais que engessam os relacionamentos entre crianças e adultos/as, contribuindo para a desconstrução de estereótipos de gênero,



além de problematizar as desigualdades e violências de gênero presentes no processo educativo das crianças pequenas.

Gênero na Educação da Infância: Olhares Apurados para Questões Sensíveis

Dada a importância da abordagem das questões de gênero desde a pequena infância, destacamos aqui, o direito das crianças à participação e à cidadania. Ouvir as crianças, suas ideias e manifestações sobre como vivenciam as relações de gênero, em seu dia a dia, significa romper com silêncios, com posturas sexistas e hierarquizadas. A participação infantil é um fator decisivo e poderoso para combater a exclusão das cidadãs-crianças nos processos de negociação e tomada de decisão acerca dos seus cotidianos (Sarmiento, 2004), revelando que a criança possui competência para pensamento racional e escolhas acertadas, podendo tomar decisões sobre conflitos, problemas e questões que afetem suas vidas (Soares, 2005).

As crianças, como agentes sociais ativos e criativos, tanto contribuem para a reprodução como para a mudança social (Corsaro, 2011), pois elas nos apresentam outras formas e outras possibilidades de ver, de ser e de estar no mundo. Neste sentido a criança não sabe menos que o adulto, a criança sabe outra coisa; cria sentido e atua sobre o que vivencia (Cohn, 2013). Como sujeitos de direitos, as crianças têm o direito de fazer escolhas e se desenvolverem de forma livre, a partir de suas vozes, e, assim, participarem das decisões nos processos que as afetam (Soares, 2005), sendo fundamental que apuremos nossos ouvidos e sensibilidades, para ouvir o que elas têm a nos dizer, inclusive com relação às questões de gênero, com suas manifestações e expressões. As crianças são as pessoas mais indicadas para falarem sobre si, podendo discutir melhor as alternativas para determinados problemas que vivenciam (Alderson, 2005).

A opinião das próprias crianças deve ser levada em conta para o desenvolvimento de projetos de ação social, voltadas não apenas para a infância, mas para a sociedade, uma vez que fazem parte desta, o que poderá contribuir para o fortalecimento de práticas que busquem o respeito às diferenças e a igualdade de gênero e de direitos, na busca pela justiça social. Assim, é preciso que enxerguemos as crianças não somente como protagonistas de suas próprias experiências de vida, mas também como atores sociais competentes, que participam de uma dupla integração social: com os adultos/as e com as próprias crianças, organizando-se como grupo social,



demonstrando em suas brincadeiras o papel ativo que elas têm na construção social das relações e identidades de gênero (Ferreira, 2004).

A concretização de espaços voltados para a participação infantil porém, só se efetivará, se os adultos/as, além de possibilitarem contextos e oportunidades de participação da infância, estiverem disponíveis, para fazerem também suas as propostas e as causas comuns que as crianças formularem, permitindo que elas tomem decisões, pois se as crianças nunca forem autorizadas a tomar decisões por falta de experiência, esse processo nunca se iniciará, caracterizando-se como uma grande injustiça a negação do direito de participação às crianças, uma vez que estas nada poderão fazer para mudar tais condições (Sarmiento, 2004; Soares, 2005).

Olhar para as crianças, para o que pensam e sentem, sobre as questões de gênero com as quais se deparam em seu dia a dia nas interações e nas brincadeiras, pode contribuir para refletirmos sobre qual lugar as crianças têm ocupado nessas discussões. Enfatizamos aqui a importância de olhar e ouvir suas perspectivas sobre esses mundos, possibilitando que se expressem da forma como queiram, como se sintam bem e que possam vivenciar diferentes formas de ser menina e de ser menino, buscando estratégias diferenciadas para lidar com forças opressoras de nossa sociedade (Finco et al., 2015).

Na Educação Infantil, a partir do encontro com o meio e com o outro, diante das possibilidades que os espaços e materiais lhe oferecem, meninas e meninos vão se constituindo em suas singularidades; com suas expressões criam, inventam e transgridem na construção de suas identidades (Finco, 2010). Desse modo, as instituições de Educação Infantil têm o desafio de garantir às crianças, através de práticas cotidianas, de discussões e reflexões, envolvendo equipes educacionais e famílias, que sejam meninas e meninos a partir de diversas possibilidades, estimulando a reflexão, o aprendizado e o desenvolvimento de comportamentos mais compatíveis com a diversidade e com a democracia, abrindo espaços para a manifestação das crianças sobre as questões de gênero.

Diante destas proposições, sobre o direito das crianças à participação, a partir da problematização daquilo que meninas e meninos tem a nos dizem sobre suas emoções e sentimentos, atitudes, comportamentos e preferências, buscamos enfatizar como as crianças, com suas ideias e experiências, podem desconstruir discursos que naturalizam e estereotipam o feminino e o masculino, além de procurar problematizar as



desigualdades e violências que estão no bojo das relações de gênero, presentes no processo educativo das crianças.

Considerando que meninas e meninos, são educadas/os a partir de contextos e discursos que procuram impor-lhes atitudes e sentimentos, sobre o que lhes é permitido e proibido diante do feminino e do masculino, inibindo suas formas de expressão, buscamos, também, romper com invisibilidades e silenciamentos que lhes são impostos por sua condição de criança, diante de padrões socioculturais adultocêntricos e heteronormativos, presentes em nossa sociedade patriarcal, colocando-as/os em foco, com seus olhares e suas falas, manifestações de seus sentimentos, emoções, desejos e atitudes.

Tomando os Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana (São Paulo, 2016) para a introdução das questões de gênero e para nortear o diálogo no desenvolvimento da dinâmica lúdica com as crianças, tivemos como ponto de partida a Dimensão 5 do documento que trata das Relações Étnico-raciais e de Gênero, que focam em questionamentos, voltados às afetividades e papéis de gênero, para conhecer e nos aproximar dos sentimentos, emoções, desejos e preferências, de meninas e meninos, trazendo seus pontos de vista, sobre essas questões, tais como:

Diante de situações de xingamentos, ofensas ou rejeições referentes à pertença étnico-racial e/ou gênero, os bebês e as crianças são estimulados e se sentem seguros em compartilhar com as educadoras e educadores seus sentimentos e aflições? (São Paulo, 2016, p.47)

É garantido a todos os bebês e crianças expressarem seus sentimentos, emoções, atitudes, preferências, sem restrições por serem meninos ou meninas? (São Paulo, 2016, p.47)

Todos os bebês e crianças (meninos e meninas) recebem os mesmos cuidados, atenção e acolhimento no momento da troca de fraldas/roupas, do banho, do choro e dos conflitos, sem que haja privilégio de gênero, raça e etnia? (São Paulo, 2016, p.48)

Os educadores e educadoras oportunizam aos meninos vivências em que estes se fantasiem, assumam papéis de cuidar do outro, limpar e organizar o espaço coletivo em contraposição à ideia machista? (São Paulo, 2016, p.48)

O documento Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana, tem como objetivo possibilitar que diferentes vozes e olhares, de todas/os que compõem o cenário educacional, possam ser contempladas nas discussões sobre a qualidade da



Educação Infantil, a partir de cada uma de suas nove dimensões, incluindo a dimensão 5 que trata das “Relações Étnico-raciais e de Gênero”, dando centralidade na criança, nas suas necessidades, anseios e desejos. Sua metodologia abre a possibilidade de que as crianças sejam inseridas nesse movimento de autoavaliação, que tragam seus olhares e suas vozes, “em momentos preparados especialmente para elas, com uso de abordagens adequadas a suas especificidades e tocando em questões de seu interesse” (São Paulo, 2016, p. 27). Pesquisas recentes corroboram a importância da participação infantil nesse movimento de autoavaliação institucional participativa, como vozes ressonantes na abordagem de questões que dizem respeito às suas vidas, para a qualidade da Educação Infantil (Vicente, 2019).

Discussões sobre as questões de gênero na Educação Infantil, são impulsionadas a partir dos Indicadores, ao trazer para a reflexão coletiva questionamentos relacionados a gênero, que envolvem afetividades e emoções, fantasias, imaginação, desejos, possibilitando a reflexão sobre como a instituição educacional reproduz ou não a cultura sexista e heteronormativa, presente em nossa sociedade, o que nos ajuda a compreender como são proporcionadas às crianças, vivências que resultem em integração, cooperação e amizade, e/ou relações de segregação e rivalidade entre meninas e meninos, podendo promover, junto a elas, uma atitude mais crítica em relação aos seus direitos e às suas ideias sobre gênero e cidadania.

A partir da adaptação das perguntas de tal documento foi desenvolvida dinâmica lúdica, realizada com 12 crianças, de 04 e 05 anos de idade, de uma EMEI da rede de Educação Infantil de São Paulo, organizadas em grupos de 06 crianças. Pudemos com isso nos aproximar das suas ideias e pensamentos, dialogar sobre discursos que naturalizam e estereotipam o feminino e o masculino, bem como problematizar questões que permeiam as experiências e relações das crianças, dando destaque às suas manifestações, considerando suas reflexões sobre situações que vivenciam e sobre as relações que estabelecem entre si e com os/as adultos/as.

Destacamos que para o desenvolvimento da pesquisa, foram seguidas todas as orientações e critérios éticos, tendo sido aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisas.

A dinâmica foi instigada pela contação da história infantil “Meninos de Verdade”, livro de Manuela Olten (2013), indicado pelo PNBE 2014 para Educação Infantil, que trata da problemática dos estereótipos de gênero e da oposição e hierarquização dos sentimentos e atitudes, entre meninas e meninos, abordando sentimentos como medo,



coragem, vergonha, alegria, tristeza, permitiu o diálogo com as crianças, fazendo com que pudessem se manifestar e se posicionar sobre as atitudes de gênero na história, concordando, discordando e trazendo outras possibilidades.

As opiniões surgidas das crianças revelam o que pensam tanto sobre o conflito presente na história, como sobre seus próprios sentimentos e emoções, relacionando-os às suas vivências, em relações com adultos/as e crianças, familiares e amigas/os: *“Eu acho que é isso, as meninas são medrosas mesmo, choram e os meninos não”* (Pietro, 5 idade); *“Eu não concordo, as meninas não são assim, elas não são medrosas”* (Luisa, 5 idade); *“Eu acho que sou um pouco corajosa”* (Maisa, 5 anos); *“Eles estão zoando das meninas. Eu também durmo com um coelho”* (Fernando, 5 anos); *“Quando eu tenho vontade de fazer xixi, eu vou lá no banheiro, porque não tem nada para assustar a gente; os orixás estão protegendo a gente”* (Marta, 4 anos); *“Eu chorei quando minha amiga foi lá para Campinas, eu fiquei triste, saiu uma lágrima do meu olho”* (Meire, 4 anos); *“Eles estão com medo, carinha de medo. Medo de fantasma”* (Diogo, 5 anos).

Quando se manifestavam sobre si e sobre seus sentimentos, a partir das contradições vividas envolvendo as diferentes expectativas de gênero, as crianças teciam críticas às imposições surgidas no contexto da história e de suas experiências. Com seus olhares sensíveis, meninas e meninos, compartilharam como o sentimento de medo, choro e expressão dos sentimentos, são manifestações humanas, que independem do gênero. Ao ouvi-las/os foi possível perceber como meninas e meninos questionam os discursos estereotipados *“Meninas dormem com bichinhos, mas eles também dormem”* (Ilana, 05 anos); *“Eles estão com medo, eu conheço muito bem essa cara de medo. Menina tem medo, até menino tem medo”* (Leandro, 05 anos); *“Eu choro. Meninos têm medo de monstros e fantasmas”* (Tomás, 4 anos); *“As meninas dormem com ursinhos e até os meninos. Eu durmo com meu gatinho de pelúcia”* (Marcos, 5 anos).

Meninas e meninos, ao trazerem suas percepções, seus olhares sensíveis e apurados, seus sentimentos e emoções, sobre suas vivências de gênero, apresentaram comentários sobre como tais relações se fazem presentes junto às suas interações, tanto em suas relações na casa, quanto nas relações dentro da instituição de Educação Infantil. As crianças mostram que sentem prazer em falar sobre seus desejos, sobre o que querem e do que gostam, mostrando que refletem sobre o que é melhor para si. O desafio está em nós adultos/as, aprendermos a ouvi-las, com atenção e sensibilidade, a fim de possibilitar a elas um espaço para compartilhar suas vivências e opiniões, desejos, sonhos, suas tristezas e felicidades.



As crianças, a partir do enredo da história, das ilustrações e dos questionamentos, também relataram suas próprias histórias, expressando alternativas inteligentes para solucionar os problemas, comparar suas opiniões, aproximando-se do que cada uma pensava e havia vivenciado, para além dos estereótipos impressos no livro. O processo de escuta favoreceu que as crianças pudessem se expressar de modo mais confiante, afinal, quanto mais as crianças vivem e falam de suas emoções e sentimentos, de forma livre, melhor as reconhecem e constroem vocabulário emocional.

Pesquisas apontam como a inteligência e a afetividade estão em constante interação, se entrelaçam e a afetividade fornece energia às operações do pensamento (Cipollone, 2003; Trevisan, 2006). Nessa perspectiva, também podemos pensar num projeto educativo que rompa com a dicotomia cognitivo-afetivo e com a hierarquia de valores a ela vinculada, que se volte para a educação sentimental e cognitiva de todas as crianças, meninas e meninos, entrelaçando o cognitivo com o emocional. A falta de atenção em relação aos sentimentos tende a desvalorizar aspectos da intimidade, da amizade e do amor, vinculados ao feminino, e a valorizar aspectos racionais identificados com o masculino, tais como a competição e a produção. A feminilização e a masculinização dos corpos - presentes no controle dos sentimentos, no movimento corporal, na gestualidade, assim como nos sentimentos de meninas e meninos, relacionam-se à força que as expectativas diferenciadas de gênero carregam.

As falas das crianças nos revelam que é essencial o desenvolvimento de um olhar sensível, que permita perceber a presença de uma “Pedagogia das Afetividades” (Cipollone, 2003) voltada para sentimentos e emoções, permitindo que as crianças, independente do sexo, se manifestem de forma confiante sobre o que sentem: aflições, medos, vergonhas, coragem, alegrias e desejos, a fim de que possam ser elas/eles mesmas/os, se inventando e reinventando nos seus modos de serem meninas e meninos. As manifestações e expressões das crianças podem ser a chave para o fortalecimento do diálogo entre a instituição de Educação Infantil e as famílias, para que juntas possam discutir as questões de gênero e a qualidade da Educação Infantil.

A Potência dos Diálogos a Partir de Diferentes Olhares que se Entrecruzam

A necessidade do fortalecimento de diálogos torna-se primordial para que outras posturas sejam adotadas diante dos estereótipos de gênero, presentes na educação das crianças pequenas. Pode representar a possibilidade de uma educação mais igualitária, que respeite a criança na construção de suas identidades de gênero, considerando que



a forma como meninos e meninas estão sendo educados/as contribui para se tornarem mais completos e/ou para limitar suas iniciativas e suas aspirações (Finco, 2011), pois, tornamo-nos mulheres e homens, meninas e meninos, nos processos discursivos e culturais, em que a diferença nos é ensinada (Louro, 2008).

A conversa com os/as adultos/as foi bastante reveladora para pensar as possibilidades e os desafios da construção de um diálogo efetivo sobre as questões de gênero na educação compartilhada das crianças. Dentre as profissionais docentes, participaram da pesquisa 08 professoras e dentre as famílias das crianças, 04 mães e 01 pai. Ao procurarmos escutar, por meio de entrevistas semi-estruturadas, as manifestações das docentes e das famílias, pudemos compreender como gênero tem sido visto e abordado no cotidiano da instituição de Educação Infantil e como tem sido a participação das famílias nessas discussões, revelando grandes desafios.

É importante destacar que as crianças pequenas em suas experiências que envolvem as questões de gênero na instituição de Educação Infantil, por vezes, se veem em situações que envolvem diferentes normas e regras, ficando entre aquelas construídas nas relações da Instituição de Educação Infantil e aquelas crenças, regras e normas construídas nas relações familiares, em casa, que se confrontando, resultam em conflitos. As diferentes concepções de gênero presentes no processo educativo, na família e na instituição de Educação Infantil, apresentam diferentes universos, que ao se confrontarem, revelam desafios a serem enfrentados para a construção de uma educação compartilhada da criança. Pois como destacou uma das professoras entrevistadas “*A criança é tão sabida, porque sabe que isso [a possibilidade de brincar com brinquedos independente de serem meninas ou meninos] é ali dentro da sala, mas da sala para fora, talvez o mundo não seja assim, tão aberto a ela*” (Entrevista com professora Cleusa).

Posturas díspares sobre as mensagens de gênero na educação das crianças, envolvendo docentes e as famílias, quando não se comunicam, podem se traduzir em silenciamentos e tentativas de invisibilidade de conflitos que acabam por dificultar a abordagem e a discussão da questão. As crianças, em muitas situações, acabam por ficar entre os anseios e concepções da família e da instituição de Educação Infantil, como pudemos observar a partir de algumas das experiências docentes:

Se lá na sua casa o papai não deixa, você tem que respeitar a regra da sua casa. Aqui, o combinado é que você pode brincar do que você quiser. (Entrevista com professora Maiara)



Vou criar situações lá na sala para que todas as crianças possam brincar com a boneca. Ele não vai brincar lá na casa dele, mas a escola pode dar oportunidade para ele brincar. (Entrevista com professora Cássia)

As crianças fazem coisas que elas jamais poderiam fazer em casa, porque não seria aceito de jeito nenhum. (Entrevista com professora Judite)

Junto às experiências e aos conflitos de gênero surgidos, se fazem presentes discursos de culpabilização sobre posturas adotadas, ora por parte da família, ora por parte da instituição de Educação Infantil, resultando num caminho difícil para a construção de um diálogo mais aberto sobre gênero. Assim, um outro aspecto que se traduz em conflito, parece estar presente nas justificativas das professoras pelos interesses e escolhas “feitas pelas crianças” sobre os brinquedos diferenciados por gênero, onde afirmam que “eles trazem de casa”.

Esse discurso ainda muito presente e forte no espaço da Educação Infantil parece dificultar que a escola possa construir uma relação de responsabilização no processo educativo e de socialização de gênero das crianças, redirecionando para a educação no âmbito privado da casa a prática com intencionalidade educativa, distanciando-se da responsabilidade educativa sobre tais questões:

Infelizmente a gente ainda vê o carrinho e a boneca como dois ícones da separação e da escolha. Você vê que é algo que a criança traz de casa. Provavelmente só compram carrinho para aquele menino. A tendência é as meninas irem para casinha, os meninos, para o carrinho e para a pista de carrinho. (Entrevista com professora Julia)

O grande x da questão é que as crianças, embora sejam novas, trazem já muitos traços que foram adquiridos fora da escola, daquilo que acontece nas suas casas, daquilo que elas assistem, daquilo que elas veem. (Entrevista com professora Cleusa)

As preferências e as escolhas dos brinquedos e das brincadeiras, pelas crianças, se dão dentro da divisão como sendo “naturalmente” “*brinquedos de meninas*” e “*brinquedos de meninos*”, a partir das afirmações de que elas “trazem de casa”, e restringem suas escolhas ao que socialmente lhes é imposto. Assim, as escolhas, em casa ou na instituição de Educação Infantil, são direcionadas por todo um contexto e uma disponibilização que se coloca junto às crianças, naturalizando o que “é de menina” e o que “é de menino”.

Faz-se necessário questionar a lógica binária na apresentação do mundo para as crianças, pois enquanto os brinquedos e brincadeiras estiverem sendo associados a



significados masculinos e femininos, que hierarquizam coisas e pessoas, estaremos apresentando a meninas e meninos significados excludentes (Finco, 2004). As intervenções das/dos docentes, conversas e formação, poderão fortalecer adultos e crianças para reflexões e desconstrução de discursos considerados como ‘únicas’ possibilidades (Xavier Filha, 2015), permitindo que as crianças possam experimentar outras possibilidades de serem meninas e meninos, para além dos estereótipos e das imposições.

Quando a professora deixa disponível e dá acesso a uma diversidade de brinquedos para as crianças experimentarem e conhecerem diferentes papéis, sem determinar posições e comportamentos para meninos e meninas, ela favorece que os papéis não sejam determinados em função de seu sexo. Porém, quando a professora não reflete sobre sua influência nas relações dos meninos e meninas, ela pode organizar a brincadeira de uma forma a favorecer o sexismo, de modo que as crianças se agrupem em grupos distintos de meninas e meninos, sem que isso seja explicitado (Finco, 2004).

Para a manutenção desse modelo binário, apresentado diariamente às crianças, busca-se ocultar outras masculinidades e feminilidades, bem como busca-se a sua marginalização, reforçando a associação supostamente natural entre sexo e padrões de gênero. Faz-se necessário questionar a lógica binária na apresentação do mundo para as crianças, pois enquanto os brinquedos e brincadeiras estiverem sendo associados a significados masculinos e femininos, que hierarquizam coisas e pessoas, estaremos apresentando a meninas e meninos significados excludentes (Finco, 2004). Assim, é também importante perceber a forma como falamos, “coisas de menina” e “coisas de menino”, e a força que a linguagem estabelece para construção e reforço da lógica dos binarismos de gênero, que caracteriza e determina o que cabe a cada uma/um.

As docentes, ainda que busquem oferecer às crianças diversas possibilidades, com vistas à diversidade de gênero, vivenciam as contradições entre as expectativas de gênero presentes na sociedade. A partir da observação e reflexão sobre as relações com as crianças passam a repensar suas atitudes e suas práticas pedagógicas, diante das situações com as quais se deparam, apurando seus olhares e sentidos, para compreender as manifestações das crianças.

Fazemos, no jogo simbólico, o cantinho da casinha, do carrinho, das ferramentas, dos bonecos. Acaba ficando o carrinho e a casinha, duas coisas. Colocamos separado e eu já tenho pensado: Como não separar? Não consegui ainda achar um caminho mais



igualitário na questão de gênero, mas é algo que eu já percebi que preciso mudar.
(Entrevista com professora Brenda)

As dificuldades e receios encontrados para enfrentar as situações de conflito, nas interações que ocorrem no cotidiano do grupo, no relacionamento com as famílias e no confronto com os modelos familiares das crianças, acabam gerando algumas vezes receio de intervir. A escuta das crianças permite às professoras tanto atitudes de reflexão pessoal, quanto à forma de trabalhar com as crianças e com as famílias, precisando estas/es ser apoiadas/os em um trabalho de forma construtiva, para o desenvolvimento de novas aprendizagens (Cardona, 2015).

As famílias entrevistadas também nos revelam caminhos e possibilidades para a construção de um diálogo. Apontam como estão atentas para as posturas e atitudes das crianças, que se vinculam às diversas experiências que vivenciam, as quais se traduzem no cruzamento de muitos olhares. Trazendo experiências das relações que permeiam contextos “da casa para a escola”, mas também contextos “da escola para a casa”, por meio de construções dinâmicas e complexas, resgatando memórias das experiências das crianças e construindo muitos significados.

Elza reclamava que na hora de guardar os brinquedos, os meninos não ajudavam, não cooperavam. A gente levou esse episódio para a creche que ela frequentava. A recepção foi de estranheza, porque alegava-se que não acontecia. Não tivemos oportunidade de conseguir aprofundar a questão com a creche, nem com as outras famílias. (Entrevista com pai Fabiano)

Minha filha e meu filho eram muito pequenininhos, tinham uns três anos, eu fui buscá-los no CEI e a minha filha veio o caminho inteiro: que meninas não podiam jogar bola, que meninas não podiam isso e aquilo. Ela foi fazendo uma lista de coisas que as meninas não podiam. Eu fiquei pensando, “devia ter conversado no CEI”. Mas eu não conversei. (Entrevista com mãe Regina).

A questão da normatização, de como brinquedos e brincadeiras se separam entre “de menina” e “de menino”, ainda é muito forte, e mesmo que as professoras estejam atentas à importância de que as crianças possam ter acesso a todos os brinquedos, essa divisão ainda acontece. Assim, as complexas relações presentes nos espaços da Educação Infantil, os quais são desafiadores e cheios de vivências, muitas vezes se tornam espaços de reprodução de estereótipos de gênero, reforçados de forma naturalizada pelas/os/ adultas/os no cotidiano pedagógico (Vieira & Finco, 2019).



Quando as/os adultas/os deixam disponível e dão acesso a uma diversidade de brinquedos para as crianças experimentarem e conhecerem diferentes papéis, sem determinar posições e comportamentos para meninos e meninas, favorecem que os papéis não sejam determinados em função de seu sexo. E, ao contrário disso, quando a professora não reflete sobre sua influência nas relações das meninas e meninos, ela pode organizar a brincadeira de uma forma a favorecer o sexismo, de modo que as crianças se agrupem em grupos distintos de meninas e meninos.

Garantir espaços para as discussões entre os/as adultos/as, sobre as questões de gênero presentes na educação compartilhada da criança, faz-se essencial para enfatizar novas formas de pensamento e possibilidades. Para além de culpabilizações, as famílias e a instituição de Educação Infantil podem encontrar possibilidades de relações que se fortalecem para outras propostas, e os conflitos passam a ser potencializadores de diálogos:

Na EMEI, a diversidade é maravilhosa! Numa reunião de pais, uma mãe estava revoltada, “onde já se viu dar uma boneca para o meu filho de quatro anos”? Foi uma reunião chamada justamente para conversar sobre essas questões de gênero. Teve família concordando com ela (a mãe). Mas a maioria falou “Por que isso?” Teve bastante falas, no sentido de mostrar a importância desse brincar. (Entrevista com mãe Lourdes)

A importância do debate de gênero, a partir da relação entre as famílias e a instituição de Educação Infantil, carrega os desafios dos diferentes olhares e culturas, que trazem a diversidade cultural e suas diferentes “verdades”. O diálogo entre as famílias na instituição de Educação Infantil oportuniza trocas entre os mais diversos pontos de vista, construindo diálogos que levam ao aprofundamento das reflexões sobre as questões de gênero, ainda que à princípio seja de forma mais pontual.

A abordagem junto às famílias quando feita a partir de diálogos coletivos, pode potencializar as trocas de experiências, envolvendo os diferentes atores com seus múltiplos olhares. A partir de olhares e diferentes pontos de vistas que se entrecruzam e se confrontam, e de diferentes crenças, entre o dito e o não dito, o explícito e o implícito nessas relações, esse cotidiano educacional vai se constituindo, envolvendo as crianças, as docentes e as famílias, a partir de suas vivências, em diferentes espaços que ocupam na Educação Infantil. Meninas e meninos vão se deparando com as questões de gênero, reconhecendo as diferentes posturas e, nesse complexo processo de socialização, vão construindo suas identidades de gênero.



As situações conflitivas fazem parte do quotidiano das práticas educativas e os conflitos ao serem tratados de forma positiva e pedagógica, permitem a troca de ideias, instigando, assim, a participação, uma vez que as instituições educativas não são espaços neutros e por isso não podem ficar indiferentes aos desafios que surgem. O conflito é o ponto de partida para o diálogo, reflexões e soluções conjuntas, contando com a diversidade de pontos de vista e de conhecimento, uma vez que tais posturas podem ser vislumbradas num trabalho educativo que considere as diversidades de opiniões, as diferenças, como pontos positivos do processo de desenvolvimento e de aprendizagem humana (Hernandés, 2002). Assim, o conflito, a diversidade de opiniões e de concepções são imprescindíveis no processo educacional junto às instituições de educação.

O compartilhamento de diferentes pontos de vista permite a construção de sentido no confronto de culturas, pois as diferenças fazem parte das relações entre os sujeitos, e o confronto e o convívio levam o indivíduo a conhecer tanto o outro, como a si mesmo (Coutinho, 2017). Quando a equipe docente assim como a gestão, assumem a importância de tratar das questões de gênero, favorecendo discussões e diálogos. A discussão coletiva pode potencializar o espaço da instituição educacional se faz a partir de múltiplos e diferentes olhares, aproveitando este encontro de diversas culturas e contrapontos.

Considerações Finais

A presença de conflitos de gênero, que envolvem as expressões e os comportamentos das crianças que escapam às normas binárias de gênero revelam a necessidade de construir uma educação de qualidade que ultrapasse as fronteiras de gênero, indo para além das cisões estabelecidas socialmente entre meninos e meninas. O que podemos perceber é que a abordagem de gênero ainda é uma questão difícil e um desafio a ser abordado no processo educativo das crianças pequenas.

Assim como nos revelam os olhares das famílias, das professoras e das crianças, tal desafio exige conversas abertas, para que a comunicação se torne sólida e construtiva. As crianças também não podem estar fora deste diálogo; discutir tais questões com as famílias, a partir das curiosidades e pontos de vista das crianças, permite significar e dar luz a temas que estão presentes em nosso dia a dia, reafirmando o compromisso com o debate de gênero e com uma infância livre de preconceitos.



Na instituição de Educação Infantil, as crianças vivem outro contexto educativo, diferente daquele que vivem em casa, junto a suas famílias; olhares e culturas vão se cruzando na convivência das crianças entre si e com outros adultos/as, tornando-se esta, uma rica oportunidade para que crianças e adultos/as dialoguem sobre as questões de gênero que surgem no cotidiano educacional. Elas levam para as relações familiares aprendizados, experiências e questionamentos.

Para a construção de um diálogo aberto, é preciso levar em consideração as várias proposições e culturas. Se, por um lado, aos olhos de algumas famílias, a verdade de cada um/uma representa um “dificultador”, são essas mesmas verdades que podem impulsionar o diálogo, na troca de olhares, numa relação de confiança, sem que se busque hierarquizações ou verdades absolutas, sobre o que está certo ou errado, pois entre famílias e instituição de Educação Infantil há muitas verdades, as quais, quando acolhidas, reafirmam a democracia e a formação para a cidadania.

As manifestações das famílias com seus olhares sobre as discussões de gênero, quando compartilhadas com a instituição de Educação Infantil, fortalecem suas ações no desenvolvimento das propostas pedagógicas, trazendo um maior apoio e segurança para que as docentes possam abordar tais questões. Considera-se que estas famílias poderão auxiliar a instituição de Educação Infantil nas intervenções junto às outras famílias, com trocas de experiências. O diálogo a ser feito, diante de questionamentos e conflitos surgidos, poderá contribuir para que outras posturas sejam adotadas para a busca da igualdade de gênero, refletindo sobre a educação compartilhada das crianças.

As famílias também se colocam abertas para este diálogo, pois acreditam que há muitos olhares diferentes na abordagem das questões de gênero e que se faz fundamental o diálogo, bem como tais discussões. Em vários momentos, elas verbalizaram o desejo de dialogar com a instituição de Educação Infantil, de refletir junto com outras famílias e de participar da construção das propostas educativas da instituição.

As crianças revelaram que têm noção de sua participação social em grupo e o quanto podem fazer intervenções, pois não buscam a autonomia solitária e sim uma atuação coletiva, a partir da reciprocidade e da interdependência, já que sabem que dependem do adulto (Mayall, 2000). Elas demonstram, assim, que querem e podem participar e se posicionar diante das situações com as quais convivem e que lhes dizem respeito.



Desse modo, podemos dizer que as crianças podem ser potentes vetores, condutoras intermediárias e transmissoras deste diálogo. Afinal, é a partir delas que os/as adultos/as, que nem sempre conversam entre si, são convidados a iniciar um debate, considerando que as crianças relatam suas experiências de gênero e compartilham com as famílias e as professoras vivências e mensagens que ora se afinam, ora se contradizem, na busca pela qualidade da Educação Infantil.

A partir do pressuposto de que qualidade e participação são indissociáveis e caminham juntas, este processo implica em que os diferentes atores sociais participem dele de forma ativa, a partir do diálogo e de trocas de olhares, o que pressupõe confrontos sobre os diferentes pontos de vista, conflitos e negociação, uma vez que a qualidade é um valor relativo; porém, com relação aos princípios que norteiam tais relações, em determinados espaços, estes devem estar bem definidos e evidenciados, pois deles não se abre mão.

Pensar nesse processo remete-nos à “ética do encontro” na pedagogia, diante da exigência “que escutemos o pensamento – as ideias e teorias, perguntas e respostas das crianças e dos adultos – e o tratemos séria e respeitosamente” (Barbosa, 2007, p.1078). Uma educação compartilhada entre a família e a instituição de Educação Infantil, que busque a igualdade de gênero e a garantia da liberdade de expressão das crianças, precisa refletir sobre as situações que envolvem as crianças e os conflitos de gênero presentes em seus cotidianos. “Como espaço de vida das crianças, e não como espaço de subordinação das crianças à vida dos adultos” (Abrunhosa et al., 2007, p. 75), uma escola que possa escutar as crianças e que seja construída para e com elas.

Estamos sob a égide de uma sociedade estruturada em bases patriarcais, sexistas e machistas; romper com tais posturas e proposições, significa colocar-se em estado de alerta, significa abrir espaços coletivos e caminhos com provocações para falar sobre tais questões, tão silenciadas. O momento em que vivemos pede que se fale de gênero, se aborde a questão de forma aprofundada, uma vez que as desigualdades e as violências de gênero se evidenciam de forma cada vez mais exacerbada. Somente com o posicionamento diante da discussão de gênero e de suas hierarquias, poderemos desnaturalizar as opressões que se perpetuam (Bonfanti & Gomes, 2018), possibilitando que diferentes olhares se façam presentes nessas discussões, incluindo o das crianças, meninas e meninos, para que possam ser elas mesmas, para que possam se reinventar e serem felizes, a partir de suas infinitas e inteligentes formas de pensar e de se expressar, manifestando seus anseios, desejos e pontos de vista.



Ao indicar um emaranhado de posições, relações, estratégias, envolvendo diferentes concepções que permeiam as práticas educativas cotidianas, diante da diversidade das culturas e olhares das crianças, das famílias e das/dos profissionais docentes, na construção das diferenças, os conflitos surgidos podem ser potencializadores de diálogos (Cardona, 2015), permitindo maior participação dos/as envolvidos/as no processo educacional, com trocas de saberes entre essas diferentes culturas, o que poderá favorecer um olhar mais crítico em relação aos direitos das crianças, contribuindo para romper, também, com os preconceitos de gênero na infância. A coexistência de diferentes sujeitos e construções culturais nos faz pensar sobre os processos de interação que se dão nesse contexto, para pensar sobre a diversidade de gênero no contexto educativo, a partir de uma perspectiva relacional, a partir da cultura e interculturalidade (Bortolini, 2011).

Destacamos a importância de que junto às propostas pedagógicas que enfatizam as questões de gênero, as situações surgidas do cotidiano também sejam trabalhadas em forma de questionamentos e reflexões com as crianças, junto às professoras, na perspectiva de que a abordagem de gênero se faça a partir de uma educação para a cidadania (Cardona, 2015). Olhar gênero a partir da dialéctica conflito-diálogo na Educação Infantil, permite que tais contextos possam ser vistos como essenciais ao desenvolvimento e à educação das crianças pequenas, para a eliminação dos estereótipos e preconceitos de gênero, para a construção de novas formas de pensamento.

Referências Bibliográficas

- Alderson, P. (2005). As crianças como pesquisadoras: os efeitos dos direitos de participação sobre a metodologia de pesquisa. *Educ. Soc.*, 26(91), 419-442.
- Alvarenga, C., & Cardona, M. J. (2018) Cidadania e igualdade de gênero na educação pré-escolar: estratégias e desafios na construção de uma política pública em Portugal. In *Colóquio da AFIRSE Portugal*, 25, Atas... (pp. 113-123). Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.
- Barbosa, M. C. S. (2007). Culturas Escolares, Culturas de Infância e Culturas Familiares: as Socializações e a Escolarização no Entretecer destas Culturas. *Educação e Sociedade*, 28(100) - Especial, 1059-1083.
- Barreiro, A. Finco, D., & Silva, T. J. (2015). Movimentos Sociais LGBTTT, mudanças e desafios para uma educação descolonizadora desde a infância. In GEPEDISC -



- Linha Culturas Infantis, Vários/as autores/as. *Infâncias e Movimentos Sociais* (pp. 151-166). Edições Leitura Crítica.
- Bonfanti, A. L., & Gomes, A. R. (2018). A quem protegemos quando não falamos de gênero na escola? *Periódicus*, 1(9), 105-121.
- Bortolini, A. (2011). Diversidade sexual e de gênero na escola. *Revista Espaço Acadêmico - Dossiê Homofobia, sexualidade e direito*, (123), 27-37.
- Cardona, M. J. et al. (2015). Guião de educação, gênero e cidadania – Pré-escolar. *Comissão para a Cidadania e Igualdade de Género*, Lisboa.
- Cardona, M. J. (2015). Trabalhar as questões de gênero numa perspectiva de educação para a cidadania no jardim-de-infância e na escola. Aprender. *Revista da Escola Superior de Educação*. Portalegre, 36, 63-71.
- Cavalcanti, F. C. (2018) *Questões de Gênero na Educação Infantil: Um Estado do Conhecimento de Teses e Dissertações Identificadas no Portal da Capes no Período de 2001 a 2015*. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal da Bahia. Faculdade de Educação, Salvador.
- Cipollone, L. (2003). Diferença sexual, dimensão interpessoal e afetividade nos contextos educacionais para a infância. *Revista Pró-Posições*, 14(3) - (42), 25-39.
- Cohn, C. (2013). *Antropologia da criança*. Zahar.
- Corsaro, W. A. (2011). *Sociologia da Infância* (2.^a ed.). Artmed.
- Coutinho, Â. M. S. (2017). Os bebês no cotidiano da creche: ação social, corpo e experiência. *Em aberto*, 30(100), 105-114.
- Faria, A. L. G. (2007). Loris Malaguzzi e os direitos das crianças pequenas. In J. O. Formosinho et. al (Orgs.), *Pedagogias(s) da Infância: Dialogando com o passado Construindo o Futuro* (pp. 277-289). Artmed.
- Fernandes, N. A. (2021). *Um estudo sobre as relações de gênero na Educação Infantil: o que as famílias têm a ver com isso?* Dissertação (Mestrado em Educação). PPGE/ Escola de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Unifesp. Guarulhos.
- Ferreira, M. (2004). “A gente gosta é de brincar com os outros meninos!” Relações sociais entre crianças num Jardim de Infância. Edições Afrontamento.
- Finco, D. (2010). *Educação Infantil, espaços de confronto e convívio com as diferenças: análise das interações entre professoras e meninas e meninos que transgridem as fronteiras de gênero*. Tese (Doutorado em Educação). Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo.
- Finco, D. (2004). *Faca sem ponta, galinha sem pé, homem com homem, mulher com mulher: relações de gênero nas brincadeiras de meninos e meninas na pré-*



- escola. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação, Campinas, SP.
- Fortunati, A. (2009). *A Educação Infantil como Projeto da Comunidade: crianças, educadores e pais nos novos serviços para a infância e família. A experiência de San Miniato*. Tradução Ernani Roso. Artmed.
- Gibim, A. P. P. G., Pimenta, D., & Finco, D. (2020) Famílias e as suas dinâmicas de gênero: uma análise a partir dos desenhos infantis. *Humanidades & Inovação, Tocantins*, 7, 291-308.
- Hernández, J. (2002) Trabajo en equipo, equipos de trabajo. Un modelo educativo. *Infância - educar de 0 a 6 años*.
- Louro, G. L. (2008) Gênero e Sexualidade: pedagogias contemporâneas. *Revista Pro-Posições*, 19(2) - (56), 17-23.
- Maranhão, D. G., & Sarti, C. A. (2008). Creche e Família: Uma Parceria Necessária. *Cadernos de Pesquisa*, 38(133), 171-194.
- Mayall, B. (2000). The sociology of childhood in relation to children's rights. *The International Journal of Children's Rights*. 8, 243–259.
- Olsen, M. (2013). *Meninos de Verdade*. Campinas: São Paulo. Editora Saber e Ler.
- Piscitelli, A. (2009) A história de um conceito. In H. B. Almeida & J. E. Szwako, *Diferenças, igualdade* (pp. 116-148). Berlendis & Vertecchia.
- São Paulo. (2016). *Indicadores de Qualidade da Educação Infantil Paulistana*. São Paulo: SME/DOT.
- Sarmiento, M. J. (2004). As Culturas da Infância nas Encruzilhadas da 2ª Modernidade. In M. J. Sarmiento & A. B. Cerisara, *Crianças e miúdos: perspectivas sociopedagógicas da infância e educação*. Portugal, Edições Asa.
- Scott, J. W. (1995). Gênero: uma categoria útil de análise histórica. *Educação e Realidade*, 20(2), 71-99.
- Silva, F. J. D., Sentis, M. D. P. M., & Carvalho, M. E. P. (2017). As Pesquisas sobre Gênero e Sexualidade na Educação Infantil no Fazendo Gênero. In *Anais Eletrônicos do Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13 The Women 's Worlds Congress*, Florianópolis.
- Soares, N. F. (2005). Os Direitos das Crianças nas Encruzilhadas da Proteção e da Participação. *Revista Zero a Seis*, 7(12), 8-18.
- Trevisan, G. P. (2006). *Amigos(as) e Namorados(as): relacionamentos entre pares*. Comunicação apresentada resultado do trabalho de investigação desenvolvido



- no âmbito do Mestrado em Sociologia da Infância, Universidade do Minho, Instituto de Estudos da Criança.
- Vianna, C. P., & Finco, D. (2009). Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. *Cadernos Pagu*, Campinas, 33, 265-283.
- Vicente, A. J. V. (2021). *“Queremos um lugar para brincar em dia de chuva”*: A participação política das crianças na autoavaliação institucional. (Dissertação de Mestrado). São Caetano do Sul: USCS.
- Vieira, R. A., & Finco, D. (2019). “Sinto falta de uma menina para acalmar esses garotos”: a importância de refletir sobre as questões de gênero na Educação Infantil. In A. Silva, A. L. G. Faria & D. Finco (Orgs.). *“Isso aí é rachismo!” Feminismo em estado de alerta na educação das crianças pequenas: transformações emancipatórias para pedagogias descolonizadoras*. Pedro & João.
- Xavier Filha, C. (2015) Sexualidade e Identidade de Gênero na Infância. *Rev. Diversidade e Educação*, 3(6), 14-21.